

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

O PIBID E A VIDA PROFISSIONAL: ENCONTROS E DESENCONTROS

Maycol Oliveira

Resumo: Este trabalho apresenta com a fundamentação teórica de alguns autores, num primeiro momento, uma crítica ao ensino básico atual e alguns fatores para tal ensino apresentar problemas, como o ensino de caráter positivista, a falta de entendimento dos contextos sociais dos alunos, o tecnicismo trazido pelo sistema capitalista e a influência disso no problema de apreensão dos temas vistos em sala. Num segundo momento o trabalho descreve a atuação do PIBID subprojeto Química/UFPR, bem como um comparativo e questionamentos acerca do PIBID e carreira profissional, vivenciada na prática junto com os problemas e desafios descritos na primeira parte do trabalho.

Palavras-chave: Prática profissional. PIBID UFPR/Química. Carreira docente e desafios. Formação inicial.

O ensino básico: críticas e reflexões

Diversas críticas ao Ensino dito “tradicional” podem ser encontradas em vários trabalhos, entre tais o Ensino possuir caráter “conteudista” e positivista advindo do período tecnicista; além disso, analisando pelo viés sociológico da Educação, a escola hoje em dia não está preparada para lidar com as subjetividades dos sujeitos, dessa forma o ensino pautado nas demandas econômicas e industriais acaba reproduzindo opressões sociais, marginalização de determinados grupos de alunos, além de manter uma rigidez curricular que nada favorece a práxis do professor e a construção de conhecimento escolar de forma contextualizada e crítica.

Estudos e debates na área da Educação têm assinalado os desafios da escola diante das contradições da sociedade atual, na qual se evidenciam avanços científicos e tecnológicos numa velocidade nunca antes presente, coabitando com velhas questões ainda não resolvidas: miséria social, fome, conflitos bélicos justificados por razões variadas e nem sempre aceitáveis, esgotamento dos recursos naturais e degradação cada vez maior e sem controle do meio ambiente. (VILELA, 2007, p. 225)

Além da formação do cidadão crítico e reflexivo, o grande desafio da escola é superar essas barreiras - já que a educação é direito de todos assegurado por lei-, e reconhecer todas as multiculturalidades existente dentro da escola e na sociedade. A epistemologia presente em salas de aula fornece também uma reflexão acerca da construção curricular e aplicação do mesmo durante as aulas, porém muitas vezes os conhecimentos prévios dos alunos não são levados em conta para uma (re)organização de tais. Com a análise nas características da Indústria Cultural proposta pelo sistema capitalista, (VILELA, 2007, p. 232 apud Adorno) descreve que nesse processo ocorre alienação dos conteúdos e conhecimentos escolares de maneira positivista, sendo assim os alunos obtêm (e quando obtêm), um

1752

conhecimento restrito, engessado e fechado acerca de questões mais gerais como sociedade, cotidiano e ambiente; isso tudo acaba saindo de um ensino autoritário, pautado na exclusão de alguns tipos de alunos e favorecimento de outros, e de um ensino duro com o professor como figura máxima em sala de aula, com alunos sem poder de argumentação. Frente a essas questões se faz necessário rompimento com essas visões autoritárias, positivistas e excludentes. A escola deve atender aos interesses de todos os alunos, reconhecendo suas subjetividades, especificidades, reconhecendo os interesses de todos e refletindo em que lugar esses interesses têm lugar na escola e na sociedade.

Isso representa, na prática pedagógica, nas concepções e desenvolvimento de políticas curriculares, a construção de uma Educação que, em primeiro lugar, abandone sua dimensão de unilateralidade de visão de mundo e de conhecimento. Em segundo lugar, que se assuma na escola seu sentido político, pautando uma proposta pedagógica que combine o compromisso de uma avaliação ética e moral da sociedade contemporânea com uma atitude concreta de ação política contra as incongruências da vida social: um mundo globalizado e multicultural, uma sociedade cada vez mais sofrida em consequência do neoliberalismo e com indivíduos cada vez mais submetidos à lógica do mercado. (VILELA, 2007, p. 239)

Sendo assim para uma boa reflexão sobre o papel da escola, do aluno e do professor na atualidade, é necessária a desmistificação de que a escola é isenta de opressões econômico-sociais, além disso se faz necessária a problematização das especificidades dos indivíduos que nela estão, bem como as próprias características pedagógicas (currículo, Projeto Político Pedagógico, docentes, etc). Faz-se necessário uma mudança de ideias cristalizadas presentes na escola, como mudar a visão antiquada e restrita de que a educação pertence a escola, levar em conta os contextos socioeconômicos atuais, bem como se desvencilhar de ideias contextuais já ultrapassadas, superar a educação “para concorrência” e ter ciência de fatores históricos dentro da educação que modificaram e/ou permaneceram.

Ações do PIBID na formação do licenciando

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência tem como objetivo principal solidificar a formação inicial de licenciandos e, continuada de professores já atuantes na rede básica de ensino; além de inserir os acadêmicos na prática pedagógica, reconhecimento dos espaços da escola, realização de pesquisa, participação em workshops, seminários e eventos científicos em geral. O PIBID enquanto programa político surge num momento de deficit nos currículos das licenciaturas, e num período em que o ensino publico apresenta problemas cada vez mais profundos.

Em 2010 o PIBID subprojeto Química/UFPR inicia seus trabalhos com temáticas diferentes, reflexões acerca da prática pedagógica, elaboração de unidades didáticas (UDs) e

participação em eventos. Atualmente o subprojeto Química/UFPR conta com dois grupos de 15 alunos bolsistas cada, 4 professores supervisores da rede básica de ensino e 2 docentes acadêmicos que orientam os bolsistas. As temáticas variam de grupo para grupo, sendo que semanalmente são realizados encontros na própria universidade e residência pedagógica nas escolas públicas conveniadas ao programa.

A metodologia é basicamente o estudo e discussão de temas do subprojeto (História, Filosofia e Sociologia da Ciência, Experimentação Problematizadora, Ensino de Química em espaços informais, CTSA, entre outros), elaboração de UD- na qual possuem fundamentação teórica já prévia e planos de aula-, aplicação das UDs nas escolas e por fim, a realização de trabalhos (artigos, apresentações). Sendo assim, o PIBID fornece ferramentas metodológicas e reflexões acerca do ensino, levando os licenciandos dentro da sala de aula e os preparando para a carreira docente, bem como para uma possível formação continuada.

Encontros e desencontros: o PIBID e a vida profissional

Frequentemente, alunos de licenciatura ingressam na carreira profissional antes mesmo de se formarem; no Paraná, através de um contrato temporário (Processo Seletivo Simplificado-PSS) com a Secretaria de Estado da Educação (SEED), graduandos adentram as salas de aula, e muitas vezes se deparam com uma realidade diferente da esperada.

1754

A prática docente de muitos professores atualmente está comprometida com um currículo rígido, que prestigia conteúdos desconectados entre si (ausência de interdisciplinaridade) e, sobretudo, da realidade dos alunos, situação que cria a desvalorização da aula como um local de construção e mudança, tanto dos alunos quanto dos próprios professores. (STRACK e cols, 2008, p. 19).

E ainda “na maioria das salas de aula, mantêm-se as mesmas sequências de aulas e matérias, com os mesmos professores, com as mesmas ideias básicas de currículo, aluno e professor, produzem historicamente e produzem o que denominamos baixa qualidade educativa” (MALDANER, 2000, p. 19). Porém dúvidas acerca desse choque com o cotidiano escolar surgem: E os alunos que vieram do PIBID? Sentem esse impacto?

A resposta com base em própria vivência empírica é sim, porém com menor intensidade, já que o PIBID fornece uma vivência e adaptação nos espaços da escola. Contudo, quando se é o professor regente da turma, outros fatores começam a aparecer pois há uma vivência cotidiana com os alunos, colegas e equipe pedagógica. No meio disso tudo aparecem questões emergentes de como lidar com os alunos cotidianamente, de que maneira a disciplina pode ser levada com diferentes turmas, questões disciplinares dos alunos, e questões burocráticas da escola (livros de frequência, calendários de provas, reuniões pedagógicas, etc). Outro questionamento chave que surge é se as ferramentas obtidas no

PIBID auxiliam no trabalho pedagógico; e novamente a resposta é sim, porém de uma maneira difícil. Pela própria realidade escolar, professores que ainda frequentam o meio acadêmico, mais especificamente do PIBID, muitas vezes se sentem engessados pela baixa carga horária com cada turma, poucas horas atividades extraclasse, grande número de turmas e alunos, falta de infraestrutura em alguns colégios, e até mesmo resistência por parte da equipe pedagógica e colegas. Um dos grandes fatores é o tempo disponível para montagem das aulas. Além de tudo há certa resistência por parte dos professores formados a mais tempo, pelo fato de serem de um outro contexto escolar e muitas vezes terem visão positivista e conteudista de ensino.

Para um trabalho pedagógico com novas perspectivas, novos desafios e de uma maneira em que os alunos extrapolem seus conhecimentos, se faz necessário que o professor reflita sobre a própria profissão, sobre a própria prática docente, além de deixar o ensino com caráter contextualista, reflexivo e problematizador.

Para que a prática docente atinja o objetivo de formação de cidadãos críticos, é necessário o perfil de um professor pesquisador: este tem em sua sala de aula o seu objeto de estudo, buscando continuamente o aperfeiçoamento da sua prática docente. Ele pode utilizar as teorias, acerca da educação e da aprendizagem, produzindo maneiras de lidar com os seus problemas em sala de aula e desenvolver novas alternativas. (STRACK, 2009, p. 19)

1755

Apesar dos muitos problemas e do impacto inicial de entrar em uma sala como professor regente de uma turma, é possível realizar intervenções didáticas na mesma, no entanto, se faz necessária profunda reflexão acerca das problemáticas que serão enfrentadas pelo professor novato e dos desafios de vencê-las. Com os fatores que afetam a Educação básica, sejam políticos, sociais, culturais e econômicos, essa mudança se dará a médio e longo prazo; mas é possível realizar pequenas intervenções em sala de aula, tendo em mente que a mudança é lenta e por vezes dolorosa, mas se faz necessária para as novas gerações de alunos e professores.

Referências Bibliográficas

MALDANER, O. A. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química: Ed Unijuí, 2000.

STRACK, R.; MARQUES, M.; DEL PINO, C. J. Por um Outro Percurso da Construção do Saber em Educação Química. *Química Nova na Escola*, vol. 31, n. 1, p. 18-22, fevereiro 2009.

VILELA, R. A. T. Críticas e Possibilidades da Educação e da Escola na Contemporaneidade: Lições de Theodor Adorno Para o Currículo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45, p. 223-248, junho 2007.